

Infohabitar Ano VIII, n.º 408

O JOGO URBANO DAS ENTRADAS

Artigo XIX da série “habitar e viver melhor”

António Baptista Coelho

Em outros artigos desta série editorial (“habitar e viver melhor”), falámos de vizinhanças, de continuidade urbana, de caracterização de espaços residenciais de pequena escala, humanizados, e eventualmente marcados por um verde ele próprio elemento de amenização ambiental e de humanização; e vamo-nos, assim, aproximado dos edifícios, ainda que depois possamos voltar a deles sair no sentido de pensar um pouco em como dos edifícios se podem fazer as tais vizinhanças humanizadas e de agradável introdução à cidade.

Atentemos, então, agora, neste artigo e ainda globalmente, um pouco mais nas entradas das nossas casas, dos edifícios em que habitamos e, para iniciar esta reflexão de como ajudar a constituir vizinhanças coesas com edifícios habitados, coloquemos uma questão exploratória e um pouco provocatória:

Será que as condições de relação directa entre as nossas casas e as nossas ruas, que caracterizaram e ainda caracterizam muitas povoações e, especialmente, muitos bairros citadinos tradicionais, não são recuperáveis em intervenções novas e de renovação urbana?



Fig. 01

Vamos tentar entender qual será o principal problema de uma tal solução: a potencial falta de privacidade e mesmo de segurança nas habitações que se ligam à rua.

Parece ser este o principal problema que, no entanto, é contornável através de soluções urbanas pormenorizadas que actuem quer na própria rua, tornando-a mais habitável e física e ambientalmente mais protectora e mais próxima do espaço doméstico, quer no desenho de pormenor dos elementos de relação entre habitações e ruas.

E resolvendo esta questão ganharíamos um renovado potencial de expressão do habitar no próprio espaço público, uma expressão vital porque iria contribuir para a (re)construção de condições de convívio natural num espaço que sendo caracterizadamente público, condição esta essencial, será também caracterizadamente doméstico.

Há apenas algo que nesta matéria que talvez possa ficar a perder, que é a “figura” do edifício multifamiliar, que nesta linha de solução praticamente se dilui, ou pode mesmo quase “desaparecer”, designadamente, como elemento integrador de espaços comuns, espaços estes que neste tipo de solução podem ser até praticamente inexistentes.

Nada nesta reflexão deve indicar qualquer fundamentalismo contra os edifícios

com sistemas de espaços comuns, até porque, como se verá, mais à frente, em outros artigos desta série editorial, este tipo de edifícios é também considerado nesta série como solução específica para determinadas formas de habitar a cidade, por exemplo, numa linha que engloba, como solução de certa forma maximizada, as residências comuns que integram espaços privados e amplos espaços de uso colectivo.

O que nesta primeira reflexão sobre este assunto se quer clarificar é a enorme valia que as soluções de agregação directa entre habitações e ruas podem ter, quer para a identidade e apropriação de cada habitação pelos seus moradores, quer para uma alargada, mas igualmente efectiva e afectiva identidade e apropriação das respectivas ruas.



Fig. 02

E o que também nesta reflexão se quer clarificar é que nestas soluções de agregação de habitações em relação privilegiada e expressivamente directa com a rua, é de grande importância o que aqui se designa por “jogo de entradas”, nem mais nem menos, todo o amplo conjunto de elementos que servem, marcam, controlam e conjugam as ligações entre as portas de entrada, ou as soleiras, das habitações e as sequências de continuidade urbana.

Pensamos em simples mas bem cuidados vãos de porta, mas também pensamos em escadas, muros, muretes, passagens, cancelas, galerias térreas, pátios,

jardinetas, pisos térreos evidenciados, terraços estrategicamente ligados à rua, e muitos outros elementos protagonistas da arquitectura urbana do pormenor, aquela que, afinal, tanto constrói o referido jogo das entradas, como o seu irmão gémeo, que é o jogo urbano da pequena escala bem humanizada e potencialmente muito rica, formal e funcionalmente.

A residencialidade considerada numa estimulante perspectiva urbana é uma qualidade que se liga tanto ao espaço doméstico como ao espaço de vizinhança, e que se reflecte tanto em espaços públicos de vizinhança marcados, pelo menos um pouco e estrategicamente, pelo carácter residencial, como em edifícios e agregados de unidades residenciais, onde há uma marca, ainda que apenas pontual e estratégica de um sentido afirmadamente urbano e público.

E tais jogos e cenários reais de residencialidade e de urbanidade têm como principais protagonistas os jogos de acessibilidade que os vitalizam, e como principais pólos de vitalização as pequenas teias locais de acessos às habitações, aos conjuntos de habitações, e aos equipamentos locais.

E será da apurada adequação desta pequena rede de acessos que resultará boa parte da desejada vitalidade e da essencial curiosidade das respectivas vizinhanças, assim como será da estratégia da sua distribuição que resultará a prevenção do desenvolvimento de eventuais “pontos” “mortos”, inseguros e potencialmente difíceis de manter limpos e atraentes, e não tenhamos dúvida que será deste positivo jogo entre espaços urbanos e acessos a fogos que poderá resultar uma boa obra de Arquitectura e uma boa obra na aproximação à satisfação dos habitantes.

Infohabitar a Revista do Grupo Habitar

Editor: António Baptista Coelho

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação - Olivais Norte

Infohabitar, Ano VIII, n.º 408, 21 Setembro 2012

Etiquetas: [antónio baptista coelho](#), [arquitectura urbana](#), [jogo das entradas](#), [urbanismo de pormenor](#), [urbanismo lúdico](#), [urbanismo residencial](#)